

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

GES
PCP


ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Noite do mês A grande tarefa

A última crise governamental revelou uma vez mais as divergências que se agravaram no campo salazarista perante as dificuldades em levar por diante a guerra de Angola e em dominar a luta do nosso povo. Poucos dias depois da crise ministerial, o isolamento e desprestígio do governo de Salazar tornaram-se mais flagrantes quando a Comissão de Curadoras da ONU aprovou por esmagadora maioria uma moção em que se reclama a cessação do fornecimento de armas e a aplicação de sanções contra Portugal, caso persista na sua política colonial.

Salazar, porém, não está disposto a dobrar-se perante a condenação geral. O seu discurso do 5 de Dezembro reafirma o decurso de se bolear em todas as circunstâncias contra os povos coloniais e contra o povo português. Compreendemos assim que o recelo de caminho para voltar atrás, para o abandono dos seus partidários e acrescentar novos nomes à lista dos dissidentes do regime.

Para os anti-fascistas é muito importante compreender as dificuldades em que se debata a ditadura e saber audaciosamente tirar partido dessas dificuldades. Mas para isso, é necessário em primeiro lugar permitir que o movimento anti-fascista peralisse na expectativa dum golpe «por cima» ou do desagregação automática do regime. Só será possível tirar vantagem da actual crise da ditadura se as forças democráticas compreenderem que lhes cabe a maior audácia, independência e iniciativa, se não permitirem que se aliem forças em torno de falsas soluções cujo objectivo é prolongar dum forma ou de outra a vida do regime.

A crise do salazarismo só virá a transformar-se numa derrota quando as forças anti-fascistas estiverem unidas, levarem as massas populares a novas grandes lutas e, conquistando uma decisiva influência nas Forças Armadas, criarem condições para marchar para o levantamento nacional libertador. Impõe-se por isso redobrar o combate às ideias burguesas que afastam o povo do grande objectivo de organizar para a conquista da sua libertação.

PROSSEQUE A LUTA DOS ESTUDANTES

acontecimentos significativos vieram já demonstrar que os estudantes conservam inalterável a capacidade de combate evidenciada ao longo das grandes lutas do último ano lectivo.

Outra coisa não seria de esperar, uma vez que, não só persistem todos os graves problemas por cuja solução os estudantes se vinham batendo, como ainda a situação se agravou, com as novas arbitrariedades e prepotências sobre elas exercidas, entre as quais avulta a publicação do decreto 44.632, digno sucessor do tristemente célebre 40.900, com a qual o governo, fazendo tábuas raras dos organismos representativos da vida universitária, que não ouviu, mais uma vez atencioso contra algumas das mais legítimas reivindicações estudantis — o direito de os estudantes gerirem os seus próprios interesses sem interferências estranhas e a autonomia da universidade. Os estudantes imediatamente patentearam, porém, com veemência, a sua firmeza e unidade na luta contra o decreto.

A prisão de diversos estudantes, entre os quais o destacado dirigente associativo Medeiros Ferreira, secretário-geral da R.A.A., foram não menor estímulo para a intensificação da unidade combativa da massa estudantil. Os Plenários já realizados, com a presença de cerca de mil estudantes, têm sido manifestações de vigoroso protesto contra os desmandos governamentais e de solidariedade para com os colegas presos.

Dentre as violências de toda a ordem de que os estudantes continuam a ser vítimas, importa salientar também o facto de, em 14 de Novembro, quando do almoço de homenagem aos professores demitidos por apoiarem a luta estudantil, realizado na Cantina, ter o edifício sido cercado por uma aparatosa força da polícia de choque, com metralhadoras, gases lacrimogénicos, etc., e intimidados a identificarem-se à saída todos os que lá se encontravam. Perante a recusa dos estudantes, a polícia acabou por colaborar numa farsa que a cobriu de ridículo e constituiu uma notável

(que levava a sua sede de sangue ao ponto de ser ele próprio a executar os seus crimes) descobriu agora um novo requinte de sadismo: tomar as refeições a uma mesa ornamentada por duas cabeças cortadas.

O alferes Esteves Pinto, antigo estudante fascista de Lisboa, obriga os prisioneiros a engolir balas e gasolina, abrindo-lhes em seguida o estômago e comentando: «dá cá isso que perence ao Estado». Outras vezes enterra-lhes o sabre na barriga dizendo: «Guarda aí isso que a minha mãezinha não gosta de me ver com armas».

Esta é a trágica realidade que se vive em Angola. Estes atrocidades, que só têm paralelo nas dos hitlerianos, não são obra de sádicos isolados; todo o exército é envolvido nela e muitos soldados têm praticado crimes repulentes.

É necessário que o nosso povo tome consciência de que a guerra

colonial está desonrando Portugal perante o mundo. É necessário desmascarar por toda a parte os crimes cometidos, reclamar o castigo dos criminosos, lutar pelo fim da guerra de Angola!

A luta contra a guerra

Na ESCOLA PRÁTICA DE INFANTARIA (Meira) há grande descontentamento com o regime brutal das treinas, com os castigos constantes e com a má alimentação.

No FORTE DA TRAFARIA houve um levantamento de rancho e outros protestos dos soldados.

Em TANCOS organizam-se constantemente exercícios de guerra subversiva, pondo os soldados a dar conta aos «terrores» e chegando ao ponto de simular fusilamentos.

O agravamento da situação em ANGOLA levou os comendados a anular as licenças de Natal e a obrigar a regressar os oficiais que tinham já vindo para Portugal.

Em WOCAMBIQUE e na GUINE, onde a censura pretende esconder a continuação de choques armados, há um ambiente de grande descontentamento e têm desertado muitos soldados; no Guiné foram presos alguns oficiais.

OS PRESOS POLITICOS em greve da fome

Os presos de Peniche e Coxias, numa grande demonstração de unidade, organização e combatividade frente aos seus carcereiros fascistas, fizeram no dia 4 de Novembro greve da fome em homenagem à Conferência Europeia Pró-Amnistia.

A greve da fome dos presos po-

líticos é uma contribuição de inestimável valor à luta do povo português contra a repressão e pela amnistia. Do fundo da noite fascista, os patriotas presos indicam-nos com o seu exemplo o caminho a seguir. Por isso, a greve da fome dos presos políticos é sobretudo um apelo, um apelo a todos os portugueses, à Conferência Pró-Amnistia, a todos os homens de boa vontade para que multipliquem os seus esforços e lutem com redobrada energia contra os crimes salazaristas, por uma amnistia a todos os patriotas presos.

Portugueses! Sejamos dignos dos nossos melhores filhos! O nosso dever de honra hoje é lutar sem descanço pela sua imediata libertação!

Grave situação em Peniche! Salvemos as vidas dos presos!

Depois da greve da fome de 4 de Novembro, que lhes valeu um mês sem visitas, lanches e jornais, os presos de Peniche lançaram-se novamente, em princípios de Dezembro, na greve da fome, como protesto pela proibição da entrada de encomendas e da sua distribuição entre todos, as dificuldades e impedimentos postos arbitrariamente às visitas e os constantes insultos e maus tratos de que são vítimas por parte dos carcereiros e da direcção da cadeia. Por volta de 10 de Dezembro os presos continuavam

(continua no 4.º pág.)

LUTANDO CONTRA AS BASES ESTRANGEIRAS defendemos a Paz mundial

Termina este mês o prazo da comissão ao exército americano da Base aérea das Lages, nos Açores. O governo salazarista, que há meses acusou furiosamente os norte-americanos da falta de apoio à sua política colonial, chegando a agitar a ameaça de não renovar a cedência da base, não só não tomou qualquer medida nesse sentido como já admite abertamente a renovação do contrato, alegando os «interesses morais» em jogo. Salazar, como bom rafeiro, lambe as mãos do dono, pois sabe que não pode sobreviver sem a sua ajuda.

A base das Lages está servindo todos os dias como ponto de apoio à aviação americana na sua acção agressiva em vários pontos do mundo. Como se acentua na Declaração publicada pelo nosso Partido em 28 de Outubro acerca da provocação contra Cuba, Portugal está directamente envolvido na política aventureira dos imperialistas e, para comprar o apoio destes, Salazar está disposto a ir cada vez mais longe. A prova disso está, não só no caso das Lages, como nas negociações secretas para ceder bases ao exército da Alemanha Federal. O ministro Franco Nogueira teve grande dificuldade em desmentir o jornalista que o interrogou a esse respeito e tentou fugir a uma resposta clara. Mas é já do conhecimento geral nas

Forças Armadas que foram expropriados terrenos e estão a ser feitas obras nos arredores de Beja por conta do governo de Adenauer, que, por detrás do aeroporto «turístico» de Faro há interesses militares alemães e que a missão militar chefiada pelo almirante Sousa Uva esteve em Outubro na Alemanha a negociar a cedência das bases. As forças norte-americanas e inglesas que estacionam no nosso território e dele se utilizam, juntar-se-ão em breve as forças da Alemanha Ocidental, se o nosso povo não o impedir.

As bases militares da N.A.T.O. no nosso território são uma ameaça à Paz mundial, reduzem a nada a independência do país e podem vir a ser utilizadas para os imperialistas acorrerem em socorro do governo de Salazar e contra o povo português.

Reclamemos que não seja renovada a cedência das Lages! Reclamemos a anulação das bases existentes! Organizemos acções de resistência e protesto nas localidades onde há bases militares da N.A.T.O.! Que todo o povo possa ler nas paredes e nas estradas: **Fora as bases estrangeiras!**

O 5 DE OUTUBRO

e a organização de novas lutas

Além das acções democráticas que tiveram lugar pelo 5 de Outubro nas Beiras, no Alentejo, no Norte e na Margem Sul e que noticiámos nos últimos números do «Avante!», também noutros pontos se realizaram acções comemorativas.

Em Alpiarça, os operários agrícolas não trabalharam e a paralisação dos operários industriais foi quase total; o comércio fechou de tarde. O feriado, assinalado com o lançamento de 52 morteiros, foi festejado por todos, apesar da GNR ter ocupado a vila em jeeps com metralhadoras.

No dia seguinte, como represália, o proprietário fascista António Fausta não aceitou o pessoal ao trabalho e agrediu um operário que foi levado para o posto da GNR e espancado; sem se atemorizar, os trabalhadores foram reclamar das autoridades que os aceitassem e que lhes fosse pago o tempo perdido, o que conseguiram.

Em Alenquer realizou-se no dia 5 de Outubro um grande jantar de confraternização a que assistiram 130 pessoas, entre elas muitos trabalhadores; foram recolhidas 80 assinaturas a favor da Amnistia.

Nas Caldas de Rainha reuniram-se 30 democratas num almoço de confraternização, fazendo intervenções favoráveis à Unidade. Em muitas outras localidades houve distribuição de manifestos, lançamento de foguetes, etc.



A jornada do 5 de Outubro não foi esquecida pelo nosso povo. Apesar da vaga de prisões que há meses prossegue sem interrupção, por todo o país realizaram-se iniciativas nas quais foram chamados à acção novos elementos e se estabeleceram novos laços de organização. Contudo, as acções populares pelo 5 de

Quem paga a guerra?

A análise dos últimos documentos que o governo publicou, particularmente as Contas Públicas de 1961 e a proposta de Lei de Meios para 1963, confirma mais uma vez que Salazar mantém inalterável a sua política de exploração e repressão do povo português, de guerra colonial e de entrega de Portugal aos monopólios nacionais e estrangeiros. As despesas extraordinárias de guerra foram em 1961 de 3 milhões de contos (55,6% do total das despesas extraordinárias), enquanto que as despesas de assistência, saúde e educação não foram além de 3,3% destas. A proposta de Lei de Meios para 1963 não refere o montante previsto para despesas de guerra, mas anuncia 4 milhões e 300 mil contos para despesas relacionadas com os «compromissos internacionais» de Portugal, isto é, despesas relacionadas com a nossa participação no bloco militar agressivo da NATO. Entretanto, para contrabalançar tais despesas e manter o tã apregado como falso equilíbrio orçamental, Salazar chama em seu auxílio o capital estrangeiro. Em 1961, os empréstimos externos foram da ordem dos 3.600 milhões e em 1962, segundo dados muito incompletos, outro tanto. Mas como eles ainda não chegam, o go-

verno lança mão do dinheiro dos trabalhadores, através dos fundos das Caixas de Previdência. Recentemente o governo contraiu um empréstimo de meio milhão de contos das Caixas, cujos fundos são constantemente desviados da sua verdadeira função, em proveito dos grandes monopólios, da guerra colonial e das obras de fachada do salazarismo.

Os impostos em 1961 atingiram 13 milhões de contos. Mas novos impostos ameaçam a população, como o novo imposto de consumo geral, aplicado a todos os géneros, e o novo imposto profissional, etc. São, no entanto, as classes trabalhadoras que mais sofrem as consequências desta política aventureira e suicida. A inflação a que o governo recorre para resolver os seus problemas provoca a subida dos preços e faz diminuir constantemente os salários reais. A fome, a miséria, o trabalho esgotante ou o desemprego são a realidade cotidiana de milhões de portugueses.

Entretanto, a perspectiva que Salazar abre ao povo português é o alastramento e intensificação da guerra colonial, o agravamento das condições de vida, o aumento da dependência do país em relação aos monopólios estrangeiros que a entrada de Portugal no Mercado Comum só vem a acentuar.

O único caminho que se abre hoje ao povo trabalhador para conquistar uma vida digna num Portugal próspero e verdadeiramente independente é o caminho da luta sem desaliciamentos contra a guerra colonial, contra a política económica salazarista e o poder dos monopólios, contra os impostos de guerra, a subida dos preços e o desemprego, por aumento de salários.

LUCROS «PATRIÓTICOS»

O Banco Nacional Ultramarino anunciou que no último ano os seus lucros subiram a 189.240 contos, ou seja, quase tanto como o capital! Penante este recorde, foi resolvido elevar o capital de 260 para 500 mil contos.

O Banco Português do Atlântico, por sua vez, fazendo o balanço a 10 anos de actividade, indica que, desde 1951, o capital e reservas mais que triplicaram e que o lucro líquido nestes 10 anos já como mais de 190 mil contos.

Entretanto, a guerra continua...

Com este número do «Avante!» sai um suplemento de rubricas com um total de: 38.297\$40

to democrático nacional fará no próximo ano progressos maiores ainda que os do ano que agora termina!

DEFENDAMOS O PARTIDO

A defesa do Partido é hoje uma tarefa central de todos os seus quadros e organizações, à qual devem estar subordinadas todas as outras tarefas políticas.

Ela depende em grande parte da boa estruturação das organizações, da sua ligação com as massas, do funcionamento colectivo e regular dos seus organismos, dos hábitos de rigoroso controle de execução e de disciplina de ferro que tenham os seus quadros.

É, no entanto, absolutamente necessário que sejam conhecidas e cumpridas por todos os militantes as regras conspirativas de acordo com as situações concretas em cada sector. Em todas as reuniões dos organismos do Partido, na mente e na acção de cada militante durante a sua actividade diária deve estar sempre presente a preocupação de defender do inimigo o trabalho do Partido.

A batalha pela defesa do Partido tem de ser ganha na frente da luta anti-fascista, mas também nas nossas fileiras, contra as ideias que subestimam o aparelho repressivo salazarista, contra o liberalismo, a indisciplina e a inconfidência.

Defendendo da repressão fascista o nosso Partido esfarelamos a fazer dele um grande partido nacional.

Na luta contra a exploração A CLASSE OPERÁRIA TORNA-SE MAIS FORTE E ORGANIZADA

Pelas empresas

Luta na Siderurgia

Seixal — No dia 8 de Dezembro, os operários da laminagem do turno da noite não apareceram ao trabalho em protesto por as horas não lhes serem pagas com aumento, como lhes foi informado no sindicato e é estabelecido por lei para os feriados. O director mandou-os buscar a casa e prendia obrigá-los a pegar no trabalho, mas todos os laminadores recusaram, a não ser que lhes fosse pago o salário com aumento. Conseguiram assim o que reclamavam.

Operários da Siderurgia! o exemplo dos vossos companheiros indicava o caminho. Levantai e organizai em toda a empresa a luta por

gratificações no Natal e pelo aumento geral de salários!

Nova greve na E.G.T.

Lisboa — No dia 5 de Outubro, novamente os descarregadores da Empresa Geral de Transportes foram para a greve reclamando um aumento de 5800 por dia. Os patrões, como de costume, mandaram chamar a PIDE, e resolveram despedir todos os grevistas, metendo pessoal novo. É necessário que todos os trabalhadores da E.G.T. apóiem os seus camaradas na luta pela reanulação, procurando levar o sindicato a defender os seus interesses.

A "produtividade"

umenta a exploração

S. Pedro da Cova — Nas minas do carvão, a gerência estabeleceu a partir de 15 de Outubro o prémio de 18800 por cada vagoneta além da norma, a dividir entre os operários duma mesma secção. Mas como

os mineiros aumentaram a produção logo no primeiro dia, o que lhes dava direito a receber cada um perto de 100900 em salário e prémio, imediatamente a gerência disse que perdiam o direito ao prémio porque a percentagem de cinzas era muito elevada; por especial "favor" pagaram-lhes metade do prémio neste primeiro dia.

Os mineiros devem reclamar que lhes sejam integralmente pagos os prémios estabelecidos. Mas os mineiros mais conscientes devem também esclarecer os seus companheiros, mostrando-lhes que sob a exploração capitalista o trabalho a prémio só serve para lhes arruinar a saúde, para se lançar uns contra os outros e para ajudar a empresa a arrancar cada vez mais lucros do seu esforço. Os mineiros devem lutar unidos por maiores salários com um ritmo normal de trabalho.

É preciso organizar a luta

Sacovém — Na fábrica "Torra-dos" o pessoal concentrou-se quase todo na gerência reclamando aumento de salários. Como não tinha havido discussão entre os trabalhadores nem tinham uma comissão à sua frente, a gerência conseguiu fazer-lhes dispersar com vagas promessas.

Aumento geral de salários na Carris do Porto

Porto — Greças a uma luta firme e corajosa, se se prolongou por 8 meses, os operários dos Transportes Colectivos conseguiram em 5800 por dia e mais 10%, sobre o salário ordinário. O presidente da comissão administrativa do sindicato

que durante a luta se pôs do lado da empresa, agora procura enganar-se como o beneficiário dos trabalhadores. Mas a vitória só foi possível devido à unidade e firmeza demonstradas pela classe. E tanto assim é que, não estando totalmente elaborado um novo Acordo Colectivo de Trabalho há muito tempo anunciado, o ministro das Corporações se viu obrigado a ir ao Porto assinar um documento concedendo os aumentos. Foi também a unidade da classe que obrigou a gerência a reconhecer os trabalhadores que tinham sido suspensos.

Por isso, os operários da Carris devem continuar a luta unidos e organizados como até aqui, exigindo que o novo Acordo de Trabalho seja discutido e aprovado em Assembleia Geral do Sindicato antes de ser assinado, incluindo nele a sua reivindicação inicial: salários iguais aos da Carris de Lisboa. Para prosseguir esta luta em estreita unidade deve-se fazer ver a todos que o aumento não é suficiente neste momento, pois enquanto os guarda-freios e os condutores recebem de aumento 9500 por dia e o pessoal de Via e Obras 2800, os fiscais têm um aumento de mais de 15% e os ordenados mais de 25000.

Trabalhadores da Carris do Porto! Continuai a vossa luta!

Uma vitória

Montemor — Depois de várias concentrações na Casa do Povo reclamando trabalho e de terem recusado firmemente a jornada de 8 horas que lhes queriam impor, os trabalhadores de Montemor-Novo conseguiram que lhes fosse distribuído trabalho nas estradas com a jornada de 5 horas e a ganhar 22800. Na última concentração 150 homens e 20000 concentrados várias horas na Casa do Povo até que lhes foi distribuído trabalho. Muitos deles há 10 semanas que não ganhavam um tostão.

TRABALHADORES ALENTEJANOS! A acção dos vossos companheiros de Montemor inicia o caminho na luta contra o desemprego e o trabalho forçado. Organizei concentrações reclamando trabalho para todos!

APROXIMAM-SE AS ELEIÇÕES SINDICAIS

As eleições sindicais que se realizam no princípio do ano têm grande importância para os trabalhadores.

É sempre possível aproveitar os sindicatos para apoiar as reivindicações da classe operária, mas a experiência tem mostrado que a luta toma maior desenvolvimento quando à frente dos sindicatos estão direcções honestas.

Contudo, há muitíssimos sindicatos que estão há muitos anos nas mãos de direcções ou comissões administrativas vergadas aos patrões e ao governo, o que dificulta a luta reivindicativa e a unidade dos operários. Assim, o sindicato dos chapelleiros de S. João da Madeira tem uma Comissão Administrativa há 12 anos! Os mineiros de S. Pedro da Cova há 16 anos que têm a mesma direcção no sindicato, apesar de em 1957 terem regeitado o relatório e contas por esmagadora maioria; também o sindicato dos sapateiros de S. João da Madeira está há muitos anos entregue a uma comissão administrativa; e tantos outros!

Popularizar por toda a parte a ideia de concorrer às próximas eleições sindicais. Criar comissões sindicais com representantes de várias empresas do mesmo ramo, que preparem a apresentação de listas e ganhem o apoio dos trabalhadores cla-

borando o caderno reivindicativo da classe! Por que toda a parte apareçam listas dos trabalhadores a disputar as eleições sindicais!

Utilizemos os sindicatos

Exemplos de todos os dias mostram que a acção junto do sindicato permite levar a cabo a luta reivindicativa. Assim, os 25 CORTICEIROS do Aldemiro e Mira (Alhos Vedros) foram ao sindicato reclamar a sua intervenção junto do patrão, pois este não lhes pagava os salários com folgas ao serviço. Conseguiram vencer.

Os CHAPELEIROS de S. João da Madeira receberam de 500 assistentes para uma exposição reclamando do sindicato um novo contrato de trabalho que estabelecesse salários mais altos.

Um grupo de 30 MINEIROS de Aljustrel votou a concentrar-se no sindicato e acabou por conseguir que a direcção apresentasse ao I.N.T. um pedido de 3800 de aumento. A luta prosseguiu e 25 mineiros protestaram também por os patrões porarem 15 dias de férias na folha só darem 8.

Os operários QUÍMICOS da CUF, da Sociedade Nacional de Sábios e Sodal Pólvora depois de recolherem muitas assinaturas reclamando uma assembleia geral no sindicato para discutir o contrato colectivo de trabalho que os patrões lhes levavam impor, conseguiram que este fosse suspenso.

É evidente que a luta sindical não se destina a substituir a luta na empresa. A luta directa contra os patrões é que decide da vitória. Mas o lançamento das reivindicações através do sindicato permite intensificar a massa do pessoal, esclarecer e levar TODOS a formas superiores de luta contra os patrões.

Campanha dos Mil Contos

Não nos deixemos atrasar!

Publicamos as rubricas para a campanha referentes a Outubro; em princípio de Novembro as recolhidas totalizavam: 50.302830

Isto indica que tem havido grande atraso no lançamento e discussão da campanha e que muitos camaradas não sentiram ainda a importância desta tarefa, o valor decisivo que tem para a defesa e alargamento da actividade do Partido. Surgem, contudo, alguns exemplos positivos que mostram as possibilidades existentes; num organismo regional foi ultrapassado o plano fixado para Outubro; num outro sector foram abordados pela primeira vez alguns anti-fascistas que contribuíram e resolveram ficar como contribuintes regulares do Partido; em vários locais há camaradas que resolveram oferecer ao Partido as suas "broas" e gratificações do Natal, etc.

É preciso que se vença rapidamente o atraso existente. Isso só se conseguirá com uma larga discussão e com a organização de iniciativas e abordagens aos amigos do Partido. E não esqueçamos que TODOS os militantes do Partido devem dar a sua contribuição para a campanha!

Aproveitando as boas possibilidades que se abrem no fim do ano, alarguemos a recolha de fundos, de modo a completar a Campanha até Fevereiro! Avante pelos mil contos!

Transporte 18.55000	€ 596	50000	Idem	10000	um exito	80500
	€ 2634	10000	€ Manuel		Paz e socio-	
Abaixo a guerra	€ 3379	10000	Rodrigues	10000	lismo	1.50380
de Angola 30000	€ 3418	10000	€ Pires Jorge	100000	Pela campanha	10000
Abaixo o colonialismo 1.00000			Levontamento		Pela vitória do	
o fascismo 8000		10000	nacional	10000	Partido (A)	10000
Advogado 1.00000		10000	Idem	10000	Por um ataque	
Idem 50000		10000	Cupon	10000	frontal ao	
Alentejanos 20000		10000	n.º 3419	10000	fascismo	100000
voluntário 20000		10000	€ 4070 (A)	20000	trabalho cons-	
Amizade 18500		10000	€ 6152 (A)	50000	pretivo	65500
Idem 10000		10000	Defender para		Sacrifício	
Idem (LP) 20000		20000	vencer!	20000	vermelho	50500
Avante na luta 30000		50000	Dois dólares	50000	Sempre con-	
A vitória será		40000	Guerra ao		limes	20000
nossa 40000		40000	comunista	417520	Morra-Salazar	300000
Avante		30000	Feliz campanha	315	na policia	40000
pedreiros 20000		20000	Fora con-		não se fala	50000
Beirão 2.00000		10000	Salazar	10000	em Cuba	20500
Campanha dos		50000	Funcionários	50000	Idem	80000
mil contos 50000		50000	Glória a		Oferta de	
Idem 85000		50000	Cuba a	50000	um amigo	25500
Idem Costa 50000		50000	capitalismo	95000	O futuro	
Chapeiros 41500		10000	Idem	100000	perthence ao	
Colheita 10000		10000	Homenagem		comunismo	700000
Idem 50000		10000	Comarcante		Operário	
Comarcante		20000	clarificado	1.00000	vermelhos	24500
Contribuição		50000	extra	50000	Os Três	20000
Colectiva		50000	Colectiva		Para a campanha	
Colectiva		20000	Colectiva		dos 1000 (1) 220.500	
Cuba ven-		10000	Colectiva		Idem (2)	128500
cerá (A) 10000		10000	Colectiva		Idem (3)	85000
Cuba vivirá 15000		10000	Colectiva		Idem (4)	30000
Cultura popular 23000		10000	Colectiva		Idem (5)	7350
Cupon		10000	Colectiva		Para a cam-	
n.º 442		10000	Colectiva		panha extra	20000
n.º 443		10000	Colectiva		do Partido	80500
n.º 450		10000	Colectiva		Para cupos	3
n.º 483		50000	Colectiva		n.º 26	1.000000
n.º 593		50000	Colectiva		3 funcionários	75000
n.º 595		50000	Colectiva		3 vermelhos	8500
n.º 595		50000	Colectiva		Para a cam-	
n.º 595		50000	Colectiva		panha seja	

TOTAL: 50.302830

Condenados a prisão perpétua os comunistas acusam

Os julgamentos dos camaradas Joaquim Pires Jorge e Octávio Pato, dirigentes do Partido e de Júlio Martins, Albina Fernandes e Natália David; destacados militantes comunistas, foram mais uma farsa onde ficaram desmascarados os crimes da PIDE, a palhaçada da «justiça» salazarista e toda a política de traição nacional do governo fascista. Na polícia eles recusaram valentemente prestar quaisquer declarações; no tribunal, desmascararam as torturas que sofreram e acusaram o governo fascista.

O camarada Octávio Pato, na sua contestação ao tribunal afirma: «Tenho orgulho em ser membro do P.C.P.; não engeo as minhas responsabilidades e considero-me solidário com os princípios, com os objectivos e a orientação do meu Partido, a frente do qual se encontra o meu camarada Alvaro Cunha!». No julgamento foi constantemente interrompido quando falava e acabou por ser ex-

pulso, assim como Albina Fernandes. O juiz Caldeira foi grosseiro para os advogados de defesa e testemunhas, ameaçando-os constantemente, a tal ponto que os advogados se recusaram a falar.

O julgamento de Pires Jorge foi realizado à porta fechada, mas ouviu-se do exterior o camarada dar vivas ao Partido enquanto resistia a vários agentes da PIDE que o procuravam amordaçar. Saiu em braços da sala e vinha de tal modo amordaçado que tinha já as faces roxas. Nessa altura, uma jovem ajeitou-se aos agentes e ajudou o nosso camarada a libertar-se das mordaças. «Viva o Partido!» foram as últimas palavras que Pires Jorge proferiu antes de ser levado à força para o calabouço.

Durante o seu julgamento, Júlio Martins e Natália David foram tam-

bém impedidos de falar mas ainda puderam afirmar: «*Somos os representantes duma causa triunfante, está para breve a libertação do nosso povo; não cumprimos a pena, pois entretanto o povo ir-nos-a abrir as prisões!*». Espancado na sala pelos agentes, Júlio Martins foi levado à força pelas escadas e corredores, gritando sempre o nome do Partido. Pouco depois a PIDE expulsou também Natália David. O juiz Caldeira referiu-se à observadora inglesa, dizendo que ela estava ali a «espiar» os trabalhos do tribunal.

Os trabalhadores; todo o nosso povo, verificam diariamente que os comunistas não recuam perante nenhum sacrifício, mesmo o da liberdade, mesmo o da própria vida, na luta pelo derrubamento da ditadura e pela conquista da liberdade.

LUTEMOS UNIDOS CONTRA AS PRISÕES

Mais um vasto número de prisões se insere na escala continua e crescente de repressão, que é bem o testemunho da fraqueza, da insegurança e da tremedível condenação do poder salazarista.

Em LISBOA, a zona oriental continua em foco, sendo sido encadeadas numerosas prisões e fazendas para revistar trabalhadores; no BARREIRO foram presos 11 ferroviários; em VISEU foi preso o Dr. Fláudio Torres; também na COVA DA PIEDADE, no PORTO e no ALENTEJO continuam as prisões.

As prisões lemas a tomar a interluzo vigilância que se tem (isto sentir sobretudo no Alentejo, patrulhado assiduamente pela G. N.R. Em AVIS, MOIRA, MONTARGIL, ALGÁRVE DO SAL, COUGO, ALJUSTREL, as pessoas são abordadas nos campos ou em plena rua para identificação, revistas e muitas vezes injuriadas. Em EVORA, uma vez mais o famigerado chefe Siza da PIDE agrediu um trabalhador na rua ocorrendo porém outras pessoas, o pide e os colegas que o acompanhavam viram-se obrigados a pôr-se em fuga.

No PORTO, durante o julgamento dos democratas acusados de fazer parte da Junta Patriótica foram desmascarados uma vez mais os métodos de tortura do PIDE.

Nenhum português poderá, assim, permanecer indiferente ao total desrespeito pelo homem, que evidencia o governo fascista. Salvo a SALVAÇÃO DO Povo, CO-AGIR É NECESSÁRIO! Organizemo-nos em toda a parte Comissões Pró-Amnistia! Lutemos unidos contra as prisões!

Que seja encerrado o Tarrafal!

No dia 1 de Dezembro de 1938 morrei no campo de concentração do Tarrafal o jovem prisioneiro Alfredo Caldeira, membro do Comité Central do nosso Partido; ele não resistiu mais de dois anos ao clima mortífero do campo de concentração, às febres e aos trabalhos forçados. Sabendo que se aproximava o seu fim, despediu-se de todos os camaradas desejando-lhes que conhecessem dias melhores para o nosso país e para o nosso povo. Esses momentos estão ainda gravados na memória dos que os presenciaram.



Alfredo Caldeira foi um dos primeiros mártires a tomar no Tarrafal; dezenas de outros se lhe seguiram. Em Dezembro passa também o aniversário da morte do operário António Guerreiro (que ali faleceu em 1948, já cego, depois de 14 anos de prisão), do fragateiro António de Jesus Branco, do jovem Fernando Alcobia e outros.

O governo de Salazar que foi forçado pelo povo a encerrar o Tarrafal, voltou agora a reabri-lo. Recentemente foram ali desembarcados do navio «Africa Ocidental» 100 prisioneiros angolanos. Vários presos políticos do Forte de Peniche continuam sob a ameaça de para lá serem deportados.

Não consentamos que o governo volte a exterminar no campo de concentração os melhores lutadores pela liberdade do nosso país e pela libertação dos povos das colónias. Exijamos por todos os meios o encerramento do Tarrafal!

Passado um ano sobre este cobarde assassinato, continuam ainda à solta os criminosos, os agentes da PIDE Manuel Lavado e Pedro Ferreira. A PIDE continua impunemente a prender, torturar e assassinar os melhores filhos do povo.

Há um ano a PIDE assassinou JOSE DIAS COELHO

Noite de 19 de Dezembro de 1961 caiu assassinado numa rua de Lisboa, varado pelas balas da PIDE, José Dias Coelho.

Tendo abandonado a sua carreira de escultor para se dedicar na clandestinidade à luta contra o salazarismo, José Dias Coelho era há vários atos funcionário do Partido Comunista e fazia parte da Direcção Regional de Lisboa do Partido. Desde muito jovem, quando era ainda estudante, manteve-se sempre coerente com o seu ideal de revolucionário, sempre disposto a servir o Partido e a luta. José Dias Coelho foi bem um representante da intelectualidade portuguesa de vanguarda, que sabe que o seu caminho está na luta ao serviço do povo.

Passado um ano sobre este cobarde assassinato, continuam ainda à solta os criminosos, os agentes da PIDE Manuel Lavado e Pedro Ferreira. A PIDE continua impunemente a prender, torturar e assassinar os melhores filhos do povo.

Exijamos o castigo destes criminosos! Chamemos todas as pessoas honradas a lutar contra a repressão!

DOIS MUNDOS

Os serviços de saúde na U.R.S.S. e em Portugal

Em Portugal

* O total de médicos, enfermeiras e parteras não vai além de 12 mil. Nas províncias há em média por médico para 2.800 pessoas, e algumas regiões há um só médico para 12, 15 e até 20 mil pessoas. Metade dos falecimentos não são assistidos por médico.

* Os serviços hospitalares estão em estado catastrófico. Apesar de ser insuficiente o número de hospitais regionais e sub-regionais, muitos estão vazios ou fechados por falta de médicos e de aparelhagem. Os doentes concentram-se nos hospitais centrais.

* A mortalidade pela tuberculose é a mais alta da Europa e uma das mais altas do mundo. Um terço de todas as mortes entre os 20 e os 30 anos de idade é provocado pela tuberculose.

* A mortalidade infantil, que já era a mais alta da Europa, subiu de novo em 1959: de cada mil crianças 89 morrem antes de fazer um ano de idade. Nas zonas operárias e rurais, uma em cada dez crianças morre no primeiro ano de idade. Um relatório da Ordem dos Médicos diz que se poderia salvar todos os anos 10 a 15 mil crianças se houvesse a assistência necessária.

* De 218.000 partos que se deram em 1958, mais de metade não tiveram qualquer assistência e só 33.000 foram assistidos em maternidades. A taxa de mortalidade materna é das mais elevadas da Europa.

* O orçamento do Estado para 1961 dedica apenas 5,5% das despesas aos serviços de Saúde e assistência. O Estado não subsidia a investigação médica.

A ditadura fascista condena a população trabalhadora das cidades e dos campos aos maiores sofrimentos. Milhares de trabalhadores e seus filhos são dizimados por doenças que a medicina já pode curar, só porque o Estado fascista deixa no abandono todos os serviços que não oferecem perspectivas de lucro ao grande capital.

A GREVE DA FOME

(continuação da 1.ª pag.)

ainda em greve. É necessário que esta luta importantíssima seja conhecida e divulgada em todo o país, de modo a fazermos chegar rapidamente aos patriotas presos todo o nosso apoio material e moral, defendendo assim as suas vidas à mercê do fascismo. Patriotas como Manuel Rodrigues, Afonso Gregório, Manuel Guedes, Adolfo Ramos, com a saúde gravemente abalada pelos longos anos de prisão, estão com a vida em perigo.

A luta dos presos deve articular-se com a luta das famílias junto das autoridades pela melhoria das suas condições prisionais. Mas ela deve alargar-se às amplas massas do nosso povo, só assim ela ganhará um carácter verdadeiramente amplo, capaz de fazer recuar os algozes salazaristas.

Entretanto, a situação no forte de CAXIAS continua a agravar-se. Todos os presos, à semelhança dos de Peniche, foram castigados com um mês sem visitas, lanches e jornais. Mais de um terço deles estão castigados sem recreios. As refeições são tomadas nas celas em más condições higiénicas. A humidade é tanta nos segredos que ao fim de algumas horas os fósforos não acendem, os cigarros e tudo o mais molhado, as mantas e as roupas cheias de bolor.

Na U.R.S.S.

* Três milhões de médicos, enfermeiras, parteras e auxiliares cuidam da saúde do Povo. Há um médico para 500 pessoas. Em 1965 haverá meio milhão de médicos na U.R.S.S.

* Em cada bairro ou localidade há um hospital e uma policlínica a ele ligada. O mesmo médico que trata o doente em casa recebe-o também na policlínica e, em caso de hospitalização, é também o seu médico assistente. As aldeias isoladas têm postos médicos.

* Toda a assistência médica é gratuita. Os médicos são pagos pelo Estado, que mantém os hospitais e policlínicas. Os medicamentos são distribuídos gratuitamente nos hospitais e policlínicas.

* Em todas as grandes empresas há centros médicos que previnem as doenças e estudam o melhoramento das condições de trabalho.

* Praticamente todos os partos são assistidos em maternidades. As mulheres grávidas têm 2 meses de férias pagas antes do parto e outros 2 meses depois do parto. A mortalidade materna é rara.

* Os dispensários de bairro vigiam regularmente a saúde das crianças. Há 20.000 creches permanentes onde mais de um milhão de crianças passa o dia, sob assistência médica. Mais 3 milhões de crianças são recebidas nas creches que funcionam durante o verão.

* Há 226 institutos dedicados à investigação médica sob a orientação do Acadêmico de Medicina da U.R.S.S. Milhões de doenças são descobertas e eliminadas por completo e outras caminham para o desaparecimento.

A ditadura fascista condena a população trabalhadora das cidades e dos campos aos maiores sofrimentos. Milhares de trabalhadores e seus filhos são dizimados por doenças que a medicina já pode curar, só porque o Estado fascista deixa no abandono todos os serviços que não oferecem perspectivas de lucro ao grande capital. O exemplo da União Soviética mostra ao nosso Povo as magníficas conquistas que se alcançam com o regime socialista. Inspirados nas realizações do povo soviético livre da exploração, os trabalhadores portugueses continuaram a insistir na luta pelo derrubamento da ditadura fascista e pela conquista das liberdades democráticas.